

Migração Haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos¹

Duval Fernandes²

Maria da Consolação Gomes de Castro³

Carolina Ribeiro⁴

Resumo

A migração dos haitianos para o Brasil é um fenômeno recente e vem recebendo especial atenção do governo brasileiro. No entanto, as medidas tomadas não conseguiram levar um mínimo de governança deste processo, não surtiram os efeitos desejados. O tráfico de imigrantes continua presente na fronteira Norte do Brasil e a demanda por vistos não cessa de crescer. O volume de haitianos no Brasil até o final de 2014 deverá chegar a mais de 50.000. Neste trabalho são apresentados os resultados da pesquisa Migração Haitiana ao Brasil: diálogo bilateral, realizada pelo GEDEP com apoio da OIM e do MTE.

Palavras Chaves: Migração Internacional. Imigração para Minas Gerais. Migração haitiana.

Área Temática: Demografia

¹ Trabalho apresentado no XVI Seminário sobre Economia Mineira. CEDEPLR/UFMG. Diamantina 16 a 20 de setembro de 2014.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas e coordenador do GEDEP

³ Professora do Curso de Serviço Social da PUC Minas e pesquisadora do GEDEP

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas e assistente de pesquisa do GEDEP.

1 Introdução

Na história do Haiti, as catástrofes naturais e os problemas políticos e sociais são vivenciados pela população há séculos.

O terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010, não destruiu somente cidades, causando a morte de milhares de pessoas, mas também atingiu a infraestrutura econômica e habitacional. Por conta do horário em que ocorreu e dos locais que sofreram o maior impacto, o terremoto jogou por terra a esperança de dias melhores para o já combalido país, ao ceifar a vida de milhares de jovens, funcionários públicos e profissionais qualificados que, de uma forma ou de outra buscavam contribuir na reconstrução do país, que tentava sair de mais uma das inúmeras crises políticas que atingiram aquela nação caribenha.

No mesmo ano um surto de cólera chegou ao país, matando mais de 8.000 pessoas. Em 2012, dois furacões Issac e Sandy atingiram duramente o Haiti, impactando fortemente sobre a produção agrícola do país, importante fonte de recursos econômicos.

O conjunto das situações adversas tem servido de estímulo para que expressiva parcela da população abandone o país em busca de melhores condições de vida (CHAVES, 2008). O Banco Mundial (2011) estima que, aproximadamente, 10% da população do país tenham emigrado (1.009.400 pessoas), mas outras fontes indicam que a diáspora haitiana já teria ultrapassado a casa de 3.0 milhões de pessoas (HATIAN DIÁSPORA, 2011). Vários são os destinos escolhidos. A mais numerosa comunidade está nos Estados Unidos, seguida pela República Dominicana. Outros países da América e Caribe também recebem um grande contingente de haitianos com destaque para o Canadá, Cuba e Venezuela. Na Europa o país de maior afluência é a França.

As remessas enviadas por estes migrantes representam, aproximadamente, 25% do PIB do país e são estimadas em 1,5 bilhões de dólares (BANCO MUNDIAL, 2011). Apesar dos recursos que aporta ao Haiti, a emigração tem também seu lado nefasto. Em 2010, daqueles que receberam educação superior no país, 85% encontrava-se no exterior. No caso dos médicos formados no país, 36,5% estariam, já em 2000, fora do Haiti (BANCO MUNDIAL, 2011).

Considerando a história migratória do Haiti, a incorporação do Brasil no roteiro migratório não é uma surpresa muito grande, mas chama a atenção por se tratar de um novo destino que não era incluído nas escolhas anteriores dos imigrantes. Pode-se dizer que após o terremoto estavam presentes no país com maior vigor os fatores de expulsão que contribuem a criação e ampliação de uma diáspora (JACKSON, 2011).

Para a escolha dos destinos havia de se considerar a legislação migratória dos países desenvolvidos que, após setembro de 2001, impõem severas restrições à imigração de uma maneira geral e, em especial, à migração irregular. As razões para a incorporação do Brasil na rota do processo migratório dos haitianos, não são muito claras, alguns autores (FERNANDES, 2010; SILVA, 2013) indicam que a presença das tropas brasileiras no Haiti poderia ter contribuído para disseminar a idéia do Brasil como país de oportunidades, principalmente, no momento em que grandes obras estavam em execução e a taxa de desemprego em descenso. Também citam a realização do Jogo da Paz⁵ como fator que contribuiu para disseminar a imagem do Brasil naquele país. Por outro lado, dentre o leque de razões para a escolha do novo destino, há o entendimento de que o governo brasileiro teria feito um convite explícito aos haitianos para que emigrassem para o Brasil. Tal “convite” teria

⁵ Partida de futebol realizada em Porto Príncipe, em agosto de 2004, entre as seleções do Haiti e do Brasil.

ocorrido durante a visita do Presidente Lula àquele país em fevereiro de 2010. (COSTA, 2012).

Independente da razão inicial, o fato é que após o terremoto teve início o fluxo migratório de haitianos para o Brasil. Os trajetos são diversos (PATARRA, FERNANDES, 2011; SILVA, 2013) e vão se alterando no tempo conforme as facilidades ou dificuldades oferecidas no trajeto. Importante notar que dos países da América do Sul, somente quatro⁶, em 2010, não exigiam visto para a entrada de haitianos no seu território, no caso de viagem de turismo. A partir de 2012, sob forte pressão do governo brasileiro, o Peru passou a exigir visto dos haitianos e no Equador houve, em 2013, uma tentativa de restringir a entrada dos haitianos, mas a medida não foi implementada. Mesmo com estas facilidades, nenhum destes países tornou-se o destino final da imigração haitiana, como foi o caso do Brasil. Tal fato pode indicar que esta migração não é gestada unicamente pelas facilidades de entrada no país, como preconizam os que criticam as medidas tomadas pelo governo brasileiro, mas é determinada pela intenção de chegar e de se estabelecer na região de destino.

Durante o ano de 2010 pequenos grupos de haitianos, que não somavam duas centenas de imigrantes, chegaram à fronteira brasileira com o Peru. Ao final de 2011 havia indicações da presença de mais de 4.000 haitianos no Brasil (COSTA, 2012; SILVA, 2013), número este que não cessou de aumentar, sendo que ao final de 2013 estimava-se que o montante já teria ultrapassado a casa dos 20.000 imigrantes, com indicações de que o número total poderia chegar a 50.000 ao final de 2014.

Tal fluxo fez com que a percepção da presença dos haitianos fosse vista com certa desconfiança por parcela da sociedade, neste grupo se inclui alguns órgãos da imprensa nacional que comparam a chegada dos imigrantes a uma invasão⁷. Por outro lado, este movimento migratório teve também efeito positivo de levar o governo e a sociedade civil a iniciar um processo de discussão da legislação migratória, introduzindo nos debates a visão do respeito aos direitos humanos dos imigrantes. Ao mesmo tempo, foi possível avançar no estabelecimento de laços de solidariedade entre diversos setores da sociedade no acolhimento e atendimento aos haitianos.

No âmbito dos governos federal, estadual e municipal, nas cidades mais afetadas pela chegada destes imigrantes, as respostas institucionais foram diversas. Enquanto o governo do estado do Acre se engajava em apoiar a montagem da estrutura de atendimento aos haitianos que chegavam à cidade de Brasília, o governo do estado do Amazonas, especificamente no caso das cidades de Tabatinga e Manaus, a princípio ignorou o problema e, posteriormente, deu pequenas contribuições para manter as ações da sociedade civil (SILVA, 2013). Estas diferenças nas respostas dos governos estaduais refletem um pouco a percepção das autoridades sobre o problema e seus compromissos com os direitos humanos dos imigrantes.

No plano federal, as repostas foram mais efetivas, mas mesmo assim, pouco ordenadas, com medidas tomadas para solucionar situações pontuais extremas que não contribuíam em um planejamento, mesmo de curto prazo, para atender às demandas surgidas com o volume crescente de imigrantes haitianos.

Após o trajeto até a fronteira brasileira, os haitianos ainda têm de enfrentar um longo processo para a regularização da sua situação migratória. O ponto de partida é a solicitação de refugio apresentada à autoridade migratória nas cidades fronteiriças. A abertura deste processo leva a emissão de um protocolo que permite ao imigrante a obtenção de carteira de trabalho e de CPF⁸ provisórios, enquanto a solicitação de refugio é analisada pelo CONARE⁹.

⁶ Argentina, Chile, Equador e Peru.

⁷ Jornal O Globo do dia 17/01/14 País “Tião Viana, do PT, critica governo federal após invasão de haitianos”.
Jornal O Globo 11/01/12 Capa “Brasil fecha fronteira para conter ‘invasão’ de haitianos”

⁸ CPF - Cadastro de Pessoa Física na Receita Federal

Tais documentos são essenciais para o ingresso do imigrante no mercado formal de trabalho e o envio de remessas. Por tal solicitação de refúgio não se enquadrar nos requisitos definidos em lei e convenções internacionais, ela é recusada. Ante esta situação que levaria à permanência irregular dos haitianos no Brasil, o governo federal tomou medidas para que tal fato não acontecesse e em janeiro de 2012, por meio de Resolução Normativa - RN (nº 97), do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, concedeu visto humanitário permanente, pelo prazo de cinco anos. Tal visto seria emitido pelo Consulado Brasileiro na cidade Porto Príncipe, no Haiti, sendo, no entanto, o número de vistos restrito a 1.200 por ano. Não incluído neste total os vistos para reunificação familiar. Esta Resolução tinha prazo de vigência de dois anos.

Em relação aos imigrantes haitianos que já se encontravam em território brasileiro, o CNIg continuaria a conceder o visto humanitário por meio da RN nº 27¹⁰.

Ao se avaliar a aplicação da RN nº 97 (FERNANDES *ET ALLIS*, 2013), observa-se que apesar da louvável tentativa de solucionar um problema que tomava proporções de calamidade pública, quer nas cidades fronteiriças quer nas que atuavam como polo de atração desta migração, como a cidade de Manaus, o efeito esperado não foi alcançado. Não houve redução da chegada de imigrantes haitianos ao Brasil via a fronteira norte e o número de vistos emitidos pelo Consulado, 100 por mês, não conseguia atender à crescente demanda. Em novembro de 2012, todos os agendamentos para a concessão de vistos em 2013 estavam completos e o Consulado abriu uma lista de espera. Assim, ao final de 2012, voltava-se a repetir na fronteira a situação observada antes da promulgação da RN nº 97, com a super lotação do abrigo construído para acolher os imigrantes na cidade de Brasília e, em Porto Príncipe, formavam-se gigantescas filas na porta do Consulado Brasileiro composta por pessoas que esperavam obter o visto de entrada no Brasil.

Tentando contornar a situação no Consulado, o Governo, por meio da RN nº 102, em abril de 2013, retira a limitação do número de vistos aos haitianos que não mais ficariam restritos a 1.200, permitindo também a sua concessão em Consulados Brasileiros em outros países, além do Haiti. A última alteração da RN nº 97 acontece em outubro de 2013, quanto ao seu prazo de vigência, que encerraria em janeiro de 2014 e que foi prorrogado por mais um ano.

Ao se analisar os resultados das medidas tomadas pelo governo federal fica claro que elas não conseguiram alcançar os objetivos propostos, inicialmente, quando da análise da questão pelo CNIg, no momento da aprovação da RN nº 97.

“[...] o controle da atuação dos coiotes na fronteira norte brasileira; a abertura de um canal para a concessão de vistos de forma mais simples; a regularização da situação migratória dos cerca de quatro mil haitianos que já se encontram em território brasileiro; e o envio de auxílio material para alojamento, alimentação e cuidados de saúde para esses imigrantes nos estados do Acre e do Amazonas” (CNIg, 2012).

Pelo contrário, as medidas tiveram o efeito de estímulo à migração. A atuação dos “coiotes” tem se ampliado com o estabelecimento de rede de tráfico de imigrantes por todo o trajeto que inclui a passagem pelo Equador e Peru. Tal fato contribui para que o número de imigrantes chegados às cidades fronteiriças venha se ampliando não só em volume, mas também pela incorporação de novas rotas via Venezuela, Bolívia e Argentina. Uma vez mais, no início de 2014, a situação na cidade de Brasília mostrou-se caótica com a presença de mais de 1.200 haitianos aguardando o atendimento para a regularização da sua situação

⁹ CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

¹⁰ RN nº 27 de 25/11/1998 Disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração.

migratória ou uma oportunidade de trabalho, via a contratação por alguma empresa que chegue à cidade em busca de trabalhadores.

O período de chuvas na Região Norte transformou a situação em uma nova situação de calamidade pública. Ao final do mês de março, mais de 2.000 haitianos e imigrantes de outras nacionalidades, principalmente senegaleses, se encontravam no abrigo em Brasília e não tinham como chegar a outras cidades.

Frente a uma situação que ameaçava fugir ao controle, as autoridades governamentais optaram por fazer a remoção dos imigrantes para a cidade de Rio Branco e, dela, utilizando aviões da Força Aérea Brasileira levar os imigrantes para várias cidades do Brasil, inclusive Belo Horizonte.

Além desta medida emergencial, vários ministérios com atuação em áreas afeitas à migração internacional, coordenados pela Casa Civil da Presidência da República, buscaram elaborar uma matriz de responsabilidades que envolve não só o governo federal, mas também instâncias estaduais e municipais. Dentre as resoluções acordadas vale destacar a descentralização do acolhimento aos imigrantes, via a construção de abrigos, que passaria a ser feito não só na fronteira Norte, mas também nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao mesmo tempo o Ministério da Justiça e o Ministério do Desenvolvimento Social, estão desenvolvendo um protocolo de atendimento aos imigrantes internacionais para ser aplicado a todos os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), equipamentos da Política de Assistência Social, das cidades brasileiras.

Em relação a escolha de Belo Horizonte como uma das cidades para o acolhimento dos imigrantes, esta opção levou em conta a existência na cidade e municípios vizinhos, segundo associações humanitárias¹¹, de um volume de, aproximadamente, 3.000 haitianos que chegaram à cidade de várias formas.

Os primeiros, logo no início de 2011, vieram por meio de contratação direta de empresa industrial na área de alimentação que os foi buscar na cidade de Manaus. A estes se juntaram outros que também chegaram ao país via a fronteira Norte e alguns que, aproveitando a ligação direta da cidade com o Panamá e de posse de um visto emitido pelo Consulado Brasileiro de Porto Príncipe, fizeram a opção por Belo Horizonte.

As facilidades para encontrar emprego na região e o apoio conseguido junto a comunidade, principalmente, organizações da cidade civil ligada à igrejas, fez Belo Horizonte se transformar em um dos pontos de destino. A abertura do abrigo na cidade e a montagem de uma infraestrutura de acolhimento, colocam desafios para as autoridades municipais que estarão frente a um estrangeiro, com idioma e cultura diversa da brasileira e que precisarão se integrar na sociedade local.

Apesar não haver um registro completo sobre a chegada de haitianos a Minas Gerais, dados da Polícia Federal¹² indicam que entre 2010 e 2014, 6,1% dos haitianos registrados no Brasil indicaram cidades do estado como local de residência no primeiro contato com as autoridades brasileiras. Foram apontadas 27 cidades ao total, sendo que quatro delas concentram 86,8% dos haitianos residentes no estado, a saber: Contagem (38,5%), Esmeraldas (31,5%), Belo Horizonte (12,3%) e Betim (4,5%).

Neste trabalho são apresentados os resultados de pesquisa qualitativa com a realização de grupos focais junto a haitianos residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte, nos municípios de Contagem, Esmeraldas e Belo Horizonte. Estas informações foram levantadas

¹¹ Centro Zanmi do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados.

¹² Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros - SINCRE

no âmbito do projeto “Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil: diálogo bilateral”¹³, apoiada pela Organização Internacional para a Migração – OIM, pelo Ministério do Trabalho e Emprego – MTE e executada pelo Grupo de Estudos Distribuição Espacial da População – GEDEP, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas, em parceria com a Escola de Serviço Social da PUC Minas

2 Metodologia

A concepção metodológica que norteou o estudo aqui apresentado foi de natureza qualitativa. Essa metodologia não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise de dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos em foco.

Segundo Godoy (1995), os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos. Esse autor ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber:

1. o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
2. o caráter descritivo;
3. o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
4. o enfoque indutivo. (GODOY, 1995, p. 62).

A pesquisa de natureza qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e prática, entre contexto e ação” (MAANEN, 1979, p. 520). Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados e não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade.

O desenvolvimento de um estudo de natureza qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho se desenvolverá, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados.

Segundo Minayo (1994), as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas demonstram que:

- a) as duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto;

¹³ A pesquisa “Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil: diálogo bilateral” envolveu, além do Brasil, levantamentos no Haiti, Bolívia, Peru e Equador. No Brasil foram pesquisados os haitianos residentes em Manaus, Porto Velho, Curitiba, Campinas, Brasília e Região Metropolitana de Belo Horizonte.

b) uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda a sua complexidade, por meio de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;

c) a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos.

Para a realização desta pesquisa foi construído um foco de análise: os próprios haitianos tangenciados por meio de entrevistas orais com o consentimento destes. Isso porque, considerando o objeto de estudo e os objetivos centrais propostos pela OIM, acredita-se ser fundamental conversar com os haitianos que estão vivendo no Brasil, escutar o que têm a dizer sobre a vinda para o país, o trajeto, o processo migratório no Brasil etc. Como o idioma falado por quase toda a população haitiana é o creole, também conhecido como *créole*, trabalhou-se em todos os estados onde a pesquisa foi realizada com tradutores ou com haitianos que têm domínio do português, o que enriqueceu muito a pesquisa. Nessa perspectiva, os relatos dos haitianos entrevistados que residem no Brasil, nos grupos focais (femininos e masculinos), foram reveladores da imagem que estes possuíam e possuem do Brasil, bem como da situação em que vivem atualmente.

Utilizou-se como ferramenta metodológica a técnica do grupo focal (GF). Essa técnica é caracterizada por um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para a avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão.

No caso específico de Belo Horizonte, foi possível contar com a colaboração da equipe do Centro Zanmi que apoiaram a realização dos dois grupos focais e se encarregaram da tradução dos relatos. Essa tradução foi realizada por haitianos que frequentavam os cursos de português oferecidos pelo Centro e a redação final foi realizada por especialista do Centro com conhecimento dos dois idiomas (português e creóle).

3 Resultados

A apresentação dos resultados segue o roteiro dos grupos focais onde foram destacadas as discussões sobre o projeto migratório e a vivência no trabalho. Discutiu-se também a avaliação do processo migratório e as visões dos participantes dos grupos focais sobre as ações que poderiam ser tomadas pelos governos do Brasil e do Haiti para auxiliar no processo migratório.

3.1 O projeto migratório

Nesta seção, serão abordadas as questões relativas ao projeto migratório destacando-se: i) os motivos para ter deixado o Haiti, ii) o trajeto feito até chegar ao Brasil, e iii) os custos com a viagem até o Brasil.

3.1.1 Motivos para ter deixado o Haiti

Segundo Faria (2012)

“[...] as razões que deram início ao fluxo migratório do Haiti para o Brasil são imprecisas. Algumas hipóteses levantam que a participação do Brasil na força de paz

no Haiti, através da MINUSTAH¹⁴, tenha despertado o interesse pelo país. Outra hipótese é de que ante o fechamento da fronteira da Guiana Francesa – destino privilegiado dos haitianos na América do Sul – os mesmos foram impelidos a dirigir-se ao Brasil, onde esperam encontrar mais oportunidades de trabalho, dado seu crescimento econômico, às obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, à construção de hidrelétricas e ainda à repercussão midiática que vem adquirindo nos últimos anos. (p. 85-86).

Porém, nas discussões dos grupos focais, os participantes apontaram diversos motivos para a saída do Haiti rumo ao Brasil, mas, em sua maioria, afirmam ter saído por causa do terremoto (muitos perderam tudo que tinham e alguns, toda a família) e em busca de uma vida melhor, especialmente para ajudar a família buscando novas oportunidades, como demonstram os relatos a seguir.

“Saí do Haiti porque no meu país não tem mais vida; eu preciso trabalhar, necessito ajudar minha família”. (Migrante feminina).

Eu deixei meu país para entrar no Brasil. A gente está procurando uma vida melhor para ajudar a minha família. (Migrante masculino).

Outros motivos citados também nas discussões foram a situação econômica e social do país, a falta de trabalho (*“desemprego é problema sério no Haiti”*) e a falta de segurança. Os migrantes se queixam da violência que existe, atualmente, no Haiti além das dificuldades para os filhos estudarem. Os relatos a seguir retratam as situações apontadas pelos participantes dos grupos focais.

“Deixei o meu país por vários motivos. Logo após o terremoto, eu não tinha condições de bancar a minha família porque eu era comerciante. Eu perdi tudo que eu tinha”. (Migrante feminina).

“No meu país tem pouco emprego, eu tinha que deixar o país atrás de oportunidades – quem aqui que é mãe e quer ver seus filhos sofrerem, passar fome, não tem condições de estudar. Esta foi a minha decisão: deixar o Haiti”. (Migrante feminina).

Alguns saíram do Haiti porque ouviram dizer que o “porto” do Brasil estava aberto, outros mencionaram ter vindo para o Brasil sem nenhuma informação sobre o país e alguns vieram porque ouviram falar que no Brasil poderiam ter documentos e mais liberdade, como mencionado nos relatos a seguir.

“Eu não tinha informação do Brasil, eu escutei dizer que o porto do Brasil estava aberto, então, um coitado me pediu USD 12.000,00. A gente começou a faltar do dinheiro, saímos da República Dominicana, e depois Peru, mas para chegar ao Brasil, eu pedi para as pessoas do Haiti porque eu não tinha mais”. (Migrante feminina).

“Eu venho no Brasil, eu não tinha informação, eu escutei que tinha bastantes haitianos que estão deixando Haiti passando por Peru, então, eu também entrei no Brasil, porque eu sei que eu teria meus documentos e minha liberdade, com isso, eu estou muito satisfeito da minha chegada. Eu não sabia nada do Brasil”. (Migrante masculino).

¹⁴ Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, criada em junho de 2004.

3.1.2 Trajeto feito até chegar ao Brasil

Os resultados dos grupos focais demonstram que os fluxos mais referidos pelos haitianos que vieram ao Brasil são dois: o primeiro indica saída de Porto Príncipe, passagem pelo Panamá, Equador, Peru e finalmente Tabatinga (Manaus), no Brasil; o segundo, saída da República Dominicana, passagem pelo Equador e Peru, entrando no Brasil pela cidade de Brasília, no Acre. Esses trajetos coincidem com os relatados por vários autores (FARIA, 2012; SILVA, 2013) que pesquisaram a imigração de haitianos para o Brasil.

Ao contarem sobre o trajeto feito até chegar ao Brasil, os haitianos entrevistados, tanto homens quanto mulheres, relataram inúmeras dificuldades vividas em cada cidade/país por onde passaram. Algumas das dificuldades mais mencionadas por parte das mulheres foram: longo período de viagem, violência por parte da polícia, roubo e exploração quanto aos custos da viagem. Além dessas dificuldades, elas relataram situações de constrangimento nos alojamentos (que eram mistos), violência sexual e discriminação. Os depoimentos a seguir reproduzem algumas situações e fatos vivenciados pelos imigrantes em trânsito.

“Eu deixei meu país para vir trabalhar. Eu passei pela República Dominicana, Equador, Peru, para entrar aqui no Brasil no dia 21 de maio. A gente encontra muita dificuldade no caminho, porque a polícia me prendeu. Voltei para o Equador depois eu entrei de novo”. (Migrante masculino).

“Eu saí do Haiti no dia 31 de julho de 2009, passei dois anos no Equador e lá trabalhei e sofri humilhações, porque trabalhava lavando louça num restaurante. Depois de dois anos que passei no Equador, eu vim para o Brasil em 2011 [...]. Chegar ao Acre foi uma coisa maravilhosa, porque eu consegui o CPF no período de 15 dias. Depois, vim para Rondônia, capital Porto Velho, e nos sentimos muito felizes”. (Migrante feminina).

“Ladrões nos pegaram, eles roubaram nosso dinheiro todo, mesmo o dinheiro que tínhamos na nossa calcinha eles roubaram. Foram policiais que fizeram isso, eles estavam com uniforme, eles abriram nossas malas, roubaram nossos perfumes, as coisas boas etc.” (Migrante feminina).

A definição das rotas dependia das facilidades de transporte, da possibilidade de entrar no território brasileiro e, ordinariamente, dos interesses dos coitotes que já atuavam nesse trajeto (FARIA, 2012). Eles divulgavam a ideia de que a crise econômica não havia atingido o Brasil e que este estava precisando de mão de obra, portanto apresentava uma grande capacidade de empregabilidade, com salários que podiam chegar até o valor de R\$4.000,00. Essa ideia vendida pelos coitotes teve custo alto para os haitianos que vieram para o Brasil.

3.1.3 Custos com a viagem até o Brasil

A discussão sobre o custo da viagem até o Brasil não foi muito fácil nos grupos focais. Os relatos, em alguns casos, traziam de volta as lembranças das dificuldades e perdas acontecidas em todo o processo, que envolviam mais do que valores puramente monetários. Outra dificuldade era conseguir lembrar todos os gastos, pois além do que se pagava aos coitotes, havia a parcela de extorsão ou suborno, que tinha de ser entregue, pelo caminho, às autoridades policiais e aos serviços de migração.

De acordo com Faria (2012, p. 89), “o acesso ao “Eldorado Brasileiro” tem um custo que pode variar de USD 1.000,00 a USD 4.500,00, dependendo do serviço pretendido ou da

persuasão dos coiotes”. Porém, por se tratar de ação ilegítima, não se pode ter exatidão quanto à soma dos valores pagos pelos imigrantes haitianos.

Esses recursos, segundo relatos dos entrevistados, são adquiridos, na maioria dos casos, por empréstimos, e nem sempre representam um projeto familiar que busca facilitar a ida de um dos seus membros para o exterior com o intuito de oferecer melhores condições de vida aos que ficaram no país de origem ou até mesmo gerenciar sua emigração, posteriormente. Os entrevistados relatam ainda situações de grandes dificuldades, pois os coiotes exigiam muito dinheiro e se eles não pagassem, ameaçavam deixá-los em determinados países, o que muitas vezes os obrigava a ligar para a família no Haiti pedindo dinheiro. Alguns afirmaram ter perdido a casa, pois os coiotes foram até o Haiti e deixaram a família sem teto.

Os relatos a seguir demonstram as dificuldades enfrentadas quanto ao custo da viagem do Haiti ao Brasil.

“Para mim foi muito difícil, porque o coiote pegou minha casa no Haiti, e deixou meu filhos na rua, eu me arrependi muito. O coiote falou que eu conseguiria este dinheiro em um ano, mas eu tenho já dois anos aqui, eu não tenho nem a metade deste dinheiro”. (Migrante feminina).

“Muitas, foram muitas as dificuldades! Os coiotes nos tomaram muito dinheiro. No início pediram USD 2.000,00, logo após mais USD 500,00, mais USD 50,00 para a polícia, mas ainda [...] dormimos mal, má alimentação, muita aflição”. (Migrante feminina).

“Eu paguei um coiote USD 4.000,00 para a viagem até Tabatinga e depois eu paguei mais USD 2.000,00 quando eu vi que eu não podia chegar no Brasil”. (Migrante masculino).

“Eu cheguei aqui no Brasil, eu morava antes em Bahamas, e foi bem arriscado, porque eu não tinha documentos, então quando eu escutei a situação dos haitianos aqui, eu resolvi vir também. Eu paguei um coiote USD 3.000,00 e depois eu paguei mais de USD 2.000,00 antes de chegar até aqui”. (Migrante masculino).

No entanto, os problemas ou custos para se chegar ao Brasil não acontecem, exclusivamente, no trajeto feito pelos países da América do Sul; no Haiti também os candidatos à migração estão expostos a vários riscos, como relata um imigrante que buscou o Consulado do Brasil em Porto Príncipe para obter um visto. Neste caso, a presença de “despachantes” na porta do Consulado dificultam o processo de obtenção do visto.

“Porque tivemos informações sobre o Brasil, mas que não foram exatas. Durante três meses fomos ao consulado brasileiro para pedir um visto. Para o meu filho, para mim e para o meu irmão. O preço do visto sai por USD 2.000,00 e USD 30,00 para preencher um formulário. Isso significa que cada pessoa precisa gastar USD 2.030,00. Eles pegaram o dinheiro na nossa mão. Nós três demos USD 6.090,00. O dinheiro ficou três meses na mão deles e não tivemos o visto ainda. Eu pedi o dinheiro de volta. Graças a Deus eles devolveram”. (Migrante feminina).

3.2 A vivência do trabalho

As discussões nos grupos focais demonstraram a insatisfação dos haitianos, em sua maioria, com os empregos no Brasil. O salário não era aquele que esperavam encontrar no país ou mesmo compatível com o que havia sido prometido pelos coiotes; eles se queixaram de que o salário mínimo brasileiro é muito baixo e insuficiente para as despesas. Outra

questão interessante observada nessas interações é a dificuldade dos imigrantes haitianos em entender os descontos na folha de pagamento. Alegaram ainda que os patrões não ajudavam os haitianos, que o trabalho era pesado, que são explorados e alegam alguns patrões não quiseram assinar suas carteiras de trabalho. Os relatos a seguir ilustram as questões apontadas anteriormente.

“Sobre a questão do salário, a situação é um pouco complicada. Porque a gente ganha um salário mínimo. Depois o patrão falou que ia me dar um aumento, mas trabalhei dez meses e ele não me deu nada. Mas eu sei que depois de seis meses a gente tem um aumento de salário”. (Migrante masculino).

“Trabalho há muito tempo no Brasil, várias pessoas me enganam no momento do pagamento na construção civil, mas agora estou buscando onde eu possa trabalhar com tranquilidade. Até agora eu não recebi quase nada, cada trabalho é um problema para receber no fim do mês. E estou muito mal com isso, eu tenho família no Haiti”. (Migrante masculino).

“Tem haitianos que foram escravos: muito trabalho sem carteira assinada; tem gente que trabalha em restaurantes que tornam os trabalhadores escravos, não assinam a carteira e, muitas vezes, as pessoas são obrigadas a ficar neste trabalho, pois aqui não é fácil encontrar trabalho”. (Migrante masculino).

“Foi falado que no Brasil o salário mínimo é igual a USD 800,00 por mês, e quando você vem, é muito difícil para uma mulher encontrar um trabalho e quando você acha um trabalho, você tem que segurar ele firme”. (Migrante feminina).

“Eu encontrei um emprego. O problema que eu tenho é o salário. É muito pouco. Você recebe R\$ 687,00¹⁵ por mês. Eu estou com dois anos com carteira assinada no Brasil por R\$ 687,00 reais. Depois tem desconto. Se eu soubesse que era assim, eu teria ficado a trabalhar no meu país. E a carteira que está assinada por R\$ 700,00, quando você recebe, eles pagam somente R\$ 400,00”. (Migrante feminina).

Identificamos durante a pesquisa com os haitianos que muitos daqueles que têm qualificação ou profissão não encontram trabalho na área para a qual têm habilidade e alguns exemplos citados foram as costureiras, enfermeiras (técnicas), dentre outras. Identificamos também muitas dificuldades em encontrar trabalho, especialmente por não falarem o português. Também ficaram evidentes as dificuldades para se adaptarem ao trabalho no Brasil, pois culturalmente possuem ritmos e dinâmicas de trabalho diferentes. Quando se trata de imigrante com nível de ensino superior, a necessidade do reconhecimento do diploma no Brasil dificulta ou mesmo impossibilita o exercício da profissão. A maior razão para isso é o custo dos trâmites para esse reconhecimento. Os depoimentos a seguir expõem essas dificuldades manifestadas pelos entrevistados.

“Outra coisa que eu vejo no Brasil é que, mesmo um haitiano com estudos e que vem do Haiti com diploma, não consegue um trabalho melhor. Porque eles vão te dar o trabalho mais pesado, eu vi muitos garotos haitianos que já têm diploma superior e estão no Brasil trabalhando no Ceasa com carrinho de mão”. (Migrante feminina).

“A minha sorte foi encontrar um trabalho doméstico, o qual eu não estava acostumada a fazer no Haiti, mas mesmo assim, eu fiz para ter uma vida melhor. Deixei o país para ter uma vida melhor, deixei para trás um filho, os estudos. Em cada país há racismo, até mesmo haitianos têm racismo entre si. No Brasil, os haitianos são recebidos por uma causa humanitária, mesmo assim têm brasileiros que não gostam dos haitianos”. (Migrante feminina).

¹⁵ Valor do salário mínimo no momento da realização do grupo focal em setembro de 2013.

“É complicado achar trabalho aqui porque cada trabalho tem que falar o português. Achei um primeiro trabalho num supermercado, mas foi muito pesado, não fiquei por muito tempo, e passei um bom tempo sem trabalho até que agora eu consegui um trabalho, sem os descontos dá R\$ 1.000,00, estou neste por enquanto”. (Migrante feminina).

“Bom, para mim eu trabalhei em várias empresas, eu estou com dificuldade para me adaptar, mas agora estou fazendo esforço porque eu preciso do dinheiro para me sustentar”. (Migrante feminina).

“Carregar caminhões e esse tipo de serviço, eu nunca fiz no meu país, eu carrego até 50 kg para jogar dentro do caminhão”. (Migrante masculino).

Ao serem perguntados se conseguem mandar dinheiro para ajudar as famílias no Haiti, alguns informaram que quando conseguem juntar dinheiro enviam tudo o que juntaram e ficam sem nada no Brasil. Eles alegam trabalhar muito e receber pouco, como demonstram os relatos a seguir.

“[...] no meu trabalho, eu recebi R\$ 545,00 e mandei R\$ 300,00 para a minha família. Eu enviei isso para que minha família não se desesperasse”. (Migrante feminina).

“O problema é que a gente está trabalhando muito e recebendo pouco, e depois tem que mandar dinheiro para o Haiti que é em dólar, é muito duro isso. A taxa é muito alta, é como se a gente trabalhasse de graça mesmo”. (Migrante feminina).

Outra questão mencionada pelos entrevistados em relação ao trabalho é a discriminação que sentem quando comparados aos trabalhadores brasileiros, como relata um migrante masculino: *“[...] eu passei três meses trabalhando na construção civil. A gente saiu do serviço por causa de discriminação. O chefe não deixava os haitianos descansar um pouco. Mas os brasileiros podiam ficar parados. Por isso a gente está procurando outro serviço agora”.*

“Os colegas do serviço, muitos não são egoístas. Gostam de estrangeiros. Com as relações com as pessoas, às vezes elas são boas, às vezes não. Muitos deles toleram os estrangeiros, também muitos deles, não sei se pela cor da pele, quando falam de “haitianos” confundem com os africanos”. (Migrante masculino).

3.3 Avaliação do processo migratório

Tanto entre as mulheres quanto entre os homens dos grupos focais, as avaliações finais do projeto migratório apresentam contradições. Alguns imigrantes ressaltam o aprendizado e o amadurecimento com o enfrentamento das dificuldades, a valorização da família e dizem gostar do Brasil. Falam de não arrependimento. Outros, porém, ao mesmo tempo em que demonstram saudade do seu país de origem, Haiti, manifestam desejo de retorno apenas para visitar à família, lamentam as perdas no trajeto e as dificuldades, especialmente com o idioma português e os salários no Brasil.

Reconhecem, no entanto, que o Brasil é um país acolhedor e cheio de oportunidades, além de revelar que percebem o esforço das autoridades brasileiras para legalizar a situação dos haitianos.

Os relatos a seguir demonstram os sentimentos dos haitianos em relação à vinda para o Brasil.

“Eu estou no Brasil agora e eu estou muito feliz, mesmo que eu não trabalhe ainda. Às vezes eu acordo chorando porque eu não vejo a minha família, mas agora estou junto com vocês, eu fico feliz em estar aqui neste lugar; eu estou com essas mulheres aqui, elas me dão coragem. Eu estava chorando hoje de manhã, mas eu gosto muito daqui porque as pessoas daqui têm respeito

“Vir ao Brasil é um sonho para mim, porque dizem que aqui tem trabalho, eu passei em vários lugares antes de chegar aqui e eu vou ficar. Mas não queria isso nesta condição, eu queria vir pelo futebol e também para trabalhar”. (Migrante masculino).

“Já fui em outros países e tive dificuldades e o Brasil é o primeiro país do mundo que facilitou os papéis para legalizar os haitianos”. (Migrante feminina).

“Eu tinha uma casa, e eu vendi ela por USD 5.000,00 para vir aqui, eu estou me perguntando quando que eu recuperarei este dinheiro. Eu choro mesmo, eu nunca recuperarei meu dinheiro”. (Migrante feminina).

Outra dificuldade presente, mas não muito recorrente na fala dos haitianos que participaram dos grupos focais, se refere ao sentimento de preconceito demonstrado pelos brasileiros em relação aos haitianos. Eles se sentem discriminados por causa da cor e reclamam de racismo por parte de alguns brasileiros, o que obstaculiza a adaptação ao Brasil.

Os relatos a seguir ilustram os argumentos apontados pelos haitianos em relação às dificuldades sentidas no Brasil.

“Me sinto discriminada; muitas vezes os erros cometidos pelos brasileiros no trabalho caem nas costas dos haitianos. Os haitianos não sabem falar, não conseguem se explicar, não se defendem e acabam sofrendo injustiças. (Migrante feminina).

“No meu trabalho tem um haitiano. Um brasileiro disse que esse haitiano cheira mal. Uma outra mulher do meu trabalho disse a mesma coisa. Para que isso não aconteça os haitianos devem se cuidar”. (Migrante feminina).

“Às vezes nós somos mal vistas por causa da cor da nossa pele. Sofremos de muito preconceito até no trabalho, quando a patroa quer demitir a gente, ela inventou algumas coisas, isso é uma forma de preconceito. O que piora as coisas é que nós não falamos o português direito”. (Migrante feminina).

Além das dificuldades em relação aos preconceitos sentidos pelos haitianos que vivem no Brasil, sempre reforçam aquelas relacionadas ao idioma. Um haitiano afirmou que *“o português é o idioma mais difícil do mundo”*.

Os entrevistados se ressentem pelo fato de o relacionamento com os brasileiros ser dificultado por não entenderem o português, especialmente no trabalho. Frisam a todo instante que a comunicação fica muito difícil sem o domínio do português. Alguns recorrem à linguagem gestual para conseguir se comunicar razoavelmente ou pelo menos para se fazer entender. Outros se esforçam cotidianamente para aprender o idioma, reconhecendo que se estão no Brasil têm que falar a língua do Brasil, o português, como demonstram os depoimentos a seguir.

“Poderíamos ter um relacionamento de verdade, mas não falamos a língua, falamos por gestos, para nos entendermos. Ou então, se um haitiano fala português, pode nos chamar. Por isso é que eles dizem que você é incapaz de ter um bom relacionamento com eles”. (Migrante feminina).

“A língua, o português foi um desafio para nós, todo mundo sabe disto, quando alguém vem de um outro país, com certeza haverá dificuldade enorme na língua, estamos hoje ainda na fase de aprendizagem, um dia vamos chegar lá”. (Migrante masculino).

Falam também da situação em que o Brasil seria somente uma escala no processo migratório, que teria outro objetivo.

“Eu queria ir aos Estados Unidos para ver minha família, mas não tenho condições, por isso fico no Brasil”. (Migrante feminina).

3.4. A visão sobre as ações dos governos

Os últimos pontos colocados para discussão nos grupos focais diziam respeito à visão dos participantes sobre a postura dos governos do Brasil e do Haiti sobre o processo migratório. Os participantes eram estimulados a dizer quais sugestões dariam às autoridades para o apoio aos imigrantes

O primeiro grupo de sugestões foi dirigido ao governo brasileiro e em seguida os participantes comentaram sobre possíveis ações do governo haitiano.

Importante lembrar que os grupos focais eram formados por haitianos que chegaram ao Brasil com vistos concedidos pelas representações diplomáticas brasileiras e também por aqueles que regularizaram a sua situação migratória em cidades de fronteira. Tal fato permitiu a construção de uma visão abrangente das demandas dirigidas ao governo.

Um participante destacou que é fundamental procurar o consulado brasileiro no país de origem para se informar sobre seus direitos, pois, na maioria das vezes, os migrantes chegam ao país de destino sem essas informações, não sabem a quem recorrer, além de se tornarem reféns dos coiotes.

Os entrevistados fizeram críticas ao atendimento do consulado brasileiro: filas longas, recursos humanos insuficientes para a demanda de atendimento, espaço físico precário, demora na entrega de documentos e no acesso à informação prévia sobre esses procedimentos, além de dúvidas quanto aos encaminhamentos.

Os relatos referentes à discussão sobre o que o governo brasileiro poderia fazer para ajudar os haitianos que vieram para o Brasil são muito relevantes (vide relatos a seguir) e enfatizam as seguintes questões: agilizar os procedimentos para a documentação necessária à situação regular no país, reduzir o valor do visto e do envio de remessas para o Haiti, impedir os vistos falsos, melhorar o tratamento aos haitianos no consulado brasileiro, ajudar a conseguir trabalho e a solucionar o problema da moradia.

“A comunicação aqui é muito complicada. Com respeito à documentação, eu gostaria que o governo desse mais possibilidades. Se por exemplo um haitiano estuda no Brasil, eu acho que seria melhor para ele em qualquer outro país. Para nós haitianos, aqui é muito limitado, cada um de nós tem conhecimento, tem um potencial”. (Migrante masculino)

“Eu acho que o governo do Brasil tem que fazer uma coisa para poder receber os imigrantes. O governo não pode deixar a gente com um visto só. Eu acho é muito importante que o governo do Brasil saiba como ele vai receber os imigrantes; eu acho que tem que ter uma maneira para receber os imigrantes porque tem alguns haitianos que já ficam loucos com essa situação, e outras coisas. E outro problema é que a administração do Brasil sempre devolve os documentos com muito erro”. (Migrante masculino).

“Minha sugestão: eu gostaria que cada cidade ou região aqui no Brasil colocasse uma entidade que pudesse orientar para facilitar a comunicação entre os haitianos, por exemplo, onde podem fazer algumas perguntas, ou se alguém está querendo fazer uma coisa, ele tem que achar como fazer, porque, por exemplo, se eu gostaria de fazer uma coisa, como eu posso fazer isso sem orientação? Porque tem haitianos em todas as regiões do Brasil. (Migrante masculino).

Importante ressaltar que algumas ações demandadas pelos imigrantes, como redução do valor das taxas cobradas para as remessas, redução do preço da passagem de avião no trecho entre o Brasil e o Haiti, não são da alçada governamental.

Muitos entrevistados participantes dos grupos focais também revelaram que têm conhecimento sobre as atitudes tomadas pelo governo brasileiro no sentido de tentar contornar alguns problemas vivenciados pelos haitianos, especialmente os reivindicados pelas entidades de apoio aos migrantes haitianos, tais como a emissão da Resolução Normativa n.º 97, disposta sobre a concessão do visto a nacionais do Haiti, com base na qual os vistos deveriam ser emitidos nesse país; a atuação de força-tarefa dos órgãos governamentais para a regularização da situação migratória em Tabatinga e Brasília; os seminários para discutir a situação dos haitianos, dentre outros.

Os relatos a seguir ilustram opiniões positivas dos haitianos em relação ao Brasil.

“Para mim, ninguém pode falar mal do Brasil, porque é bom viver aqui. Eu ganhava bem no Haiti, mas não tenho do que reclamar do Brasil. Meu coração é haitiano e brasileiro”. (Migrante feminina).

“O Brasil representa uma coisa maravilhosa para nós haitianos, porque eu tenho outra família que está morando no USA e contou para nós que não é fácil para levar a gente para morar lá nos USA e agora o Brasil dá a possibilidade para nós. Eu tenho só um problema: é a passagem, que é muito cara. Mas com tudo isso, o Brasil representa uma grande oportunidade para nós”. (Migrante masculino).

Mesmo diante de ações de apoio aos haitianos desenvolvidas por ONGs, especialmente, aquelas vinculadas à Igreja Católica, e de algumas medidas tomadas pelos governos federal e estaduais, a maioria dos entrevistados tem ciência de que a situação dos haitianos no Brasil é muito precária, sobretudo no campo do trabalho e da moradia.

Segundo Costa (2012), seria necessário considerar um conjunto amplo de medidas que poderiam favorecer a inserção dos haitianos e, ao mesmo tempo, atender a uma parcela das suas reivindicações.

“[...] há que se considerar o conjunto das necessidades e das aspirações dos imigrantes, a questão da escolaridade e da profissionalização e tudo o que se refere à sua inserção na nova cultura (sem perder a origem). [...] É de se esperar que eles encontrem uma política migratória mais organizada e uma sociedade mais aberta para que não tenham que passar por tantos sofrimentos pelos quais passaram os que entraram pelas nossas fronteiras, sobretudo pelo Amazonas e Acre”. (COSTA, 2012, p. 97).

Ao tratar das sugestões para o governo haitiano no sentido de ajudar os candidatos à migração para o Brasil, a maioria dos participantes dos grupos focais apresentou os seguintes pontos: pediram proteção para os haitianos que estão em perigo, especialmente nas fronteiras;

desejo de que os resultados desta pesquisa cheguem até as autoridades do Haiti, além de manifestarem preocupação com a imagem de seu país no mundo.

Os relatos a seguir explicitam os desejos dos haitianos que participaram dos grupos focais.

“Se eu sabia que seria assim aqui eu não viria. O governo do Haiti poderia nos ajudar, colocando mais trabalhos, afim de que os haitianos não precisem deixar o país”. (Migrante feminina).

“Depois do que todo mundo aqui acabou de falar e se é verdade, então esta pesquisa deve chegar ao ouvido do nosso presidente. Queremos um gesto dele, os haitianos votaram nele por uma razão, por nossa vida, a proteção dos haitianos que estão em perigo, os haitianos de hoje estão no seu país sem trabalho, eles terminam os estudos, mas não têm nada pra fazer”. (Migrante masculino).

“Eu queria que o presidente pegasse uma medida para procurar saber o que está acontecendo com os haitianos que vieram aqui para evitar esse drama, porque nós não estamos bem no Brasil. Os homens falam que eles podem ganhar dinheiro, as mulheres têm que casar com eles para aproveitar, algumas aceitaram sem querer de verdade, elas casaram com os homens que trabalham para poder ter uma cesta básica porque elas não trabalham. Estou achando que o presidente deve tomar decisões, pois o que está acontecendo dá uma imagem do Haiti que não é boa”. (Migrante feminina).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fluxo migratório de haitianos para o Brasil não é um fenômeno passageiro e tende a se perpetuar, como tantos outros processos migratórios que ocorreram no país. As características únicas desse fluxo, como, por exemplo, a chegada em volume crescente de naturais de um país que não tem fronteira com o Brasil, situação que não se conhecia desde a primeira metade do século XX, ou o processo de regularização do *status* migratório, favorecido por resoluções aplicáveis exclusivamente aos haitianos, colocam desafios à sociedade brasileira.

Se no início eram poucos, com o tempo o fluxo aumentou e redes foram se formando, de tal sorte que, como em todo processo migratório, o crescimento foi se dando de forma exponencial. Das não mais de poucas dezenas de imigrantes haitianos no Brasil em 2010, chega-se a 2014 com estimativas que ultrapassam vários milhares.

As ações do governo federal buscaram ordenar esse fluxo, mas as autoridades foram ultrapassadas por fatos e situações de extrema vulnerabilidade que se instalaram em alguns municípios do país, principalmente nas cidades da fronteira norte, local de entrada da maior parte dos imigrantes haitianos.

Nesse cenário, a participação da sociedade civil foi fundamental, principalmente da Pastoral da Mobilidade Humana e da CNBB que, em parceria com o poder público e com o auxílio da sociedade local, conseguiu minimizar os problemas causados pela chegada dos imigrantes haitianos que hoje estão espalhados por praticamente todo o território nacional.

O grupo dos imigrantes haitianos é formado, em sua maioria, por homens. No início do processo, praticamente todos os imigrantes eram do sexo masculino. Com a formação das redes e o estabelecimento dos primeiros imigrantes, surgiram as situações de reunificação familiar e a ampliação da chegada de mulheres e crianças, colocando novos desafios para seu acolhimento nas regiões de fronteira.

A maioria desses imigrantes tem idade compreendida entre 20 e 50 anos. São poucas as pessoas de mais idade e parte das crianças já é detentora da nacionalidade brasileira, pois nasceu no país.

Como observado em outros países (GÓIS, 2009), a migração dos haitianos para o Brasil seguiu o padrão em que aqueles com maior qualificação predominavam no primeiro grupo que chegou em 2010 e 2011. Nos anos seguintes, houve o crescimento da participação daqueles que, apesar de um menor nível de instrução, estavam, antes de emigrar, em ocupações técnicas, em sua maioria na área da construção civil. No entanto, em momento recente, observou-se a ampliação do número de pessoas com mais baixo nível de instrução dentre aqueles que chegam ao país.

A pouca instrução, as dificuldades com o aprendizado da língua portuguesa e a impossibilidade de conseguir a equivalência de diplomas levou a maioria dos haitianos a buscar trabalho em ocupações que exigiam pouca qualificação, como na construção civil, em atividades auxiliares ou em linhas de montagem industrial. Em se tratando das mulheres a situação é mais delicada, pois ao lado das dificuldades com o idioma, soma-se a pouca oferta de postos de trabalho para elas. As ofertas de emprego são, em sua maioria, no setor de serviços domésticos, onde há necessidade de maior interação patrão e empregado, dificultada pela barreira linguística.

Os postos de trabalho ocupados pelos haitianos são, na maioria dos casos, de baixa remuneração, com salários que variam entre um a um salário mínimo e meio. Ao considerar os gastos para se manter no Brasil, a maioria dos imigrantes não consegue poupar o suficiente para enviar remessas às famílias e pagar as dívidas contraídas com os coiotos para fazer a viagem. Tal situação leva alguns a dividir moradias insalubres e a reduzir os gastos ao mínimo necessário para sobreviver, fazendo a estada no país de destino ser pior do que a situação vivenciada no Haiti.

Os relatos sobre o trajeto entre o Haiti e o Brasil seguem um padrão ouvido em vários depoimentos. Partindo de Porto Príncipe ou da República Dominicana, os imigrantes seguem até o Equador e daí, por via terrestre ou fluvial, chegam ao Brasil passando pelo Peru e, em alguns casos, pela Bolívia. Os que conseguem obter o visto nas repartições consulares brasileiras seguem diretamente para a cidade de destino, partindo, na maioria dos casos, do Haiti. Nos grupos focais foram relatadas várias dificuldades que os haitianos encontraram no trajeto até o Brasil. Ficou evidente que no Peru há uma rede de exploração formada por coiotos da qual fazem parte policiais e oficiais da imigração. Essa rede subtrai bens e dinheiro dos imigrantes e, em alguns casos, extorque recursos via sequestros e prisões ilegais, obrigando os imigrantes a solicitar ajuda às famílias no Haiti. A rede de tráfico de imigrantes está muito bem montada e com o passar dos anos foi se especializando, de forma que já é possível sair do Haiti e chegar ao Brasil em menos de uma semana, trajeto que, nos primeiros anos, no início do fluxo migratório, levava semanas ou até meses para ser completado.

Mesmo com todas as dificuldades relatadas nos trajetos e na vivência no Brasil, a maioria dos que participaram da pesquisa avalia o processo migratório de forma positiva. Para estes, o que encontraram no Brasil foi melhor do que o que tinham no Haiti, sobretudo a esperança de poder construir um futuro melhor, tanto para eles como para os próprios filhos. Aqueles que vêm com reservas à migração para o país buscam poupar recursos para seguir para outros destinos ou mesmo para retornar ao Haiti.

Ouvindo os relatos das experiências, e com o auxílio dos próprios imigrantes, foi possível construir um quadro de sugestões que poderiam contribuir para reduzir a vulnerabilidade a que são expostos durante o trajeto entre o Haiti e o Brasil e também os problemas encontrados no país de destino.

Ainda que muitas das reivindicações apresentadas fujam da alçada governamental e não se enquadrem em um plano que possa contar com o concurso da sociedade civil, como a redução de tarifas telefônicas, valor de aluguel, aumento salarial, dentre outras, foi possível identificar alguns pontos que, efetivamente, poderão ser analisados no âmbito dos governos

envolvidos.

O primeiro ponto desse caminho seria o estabelecimento de um diálogo bilateral entre as autoridades governamentais do Brasil e do Haiti, no sentido de propor ações conjuntas para coibir o tráfico de imigrantes e criar facilidades para a obtenção da documentação necessária para o visto junto às repartições consulares brasileiras.

A divulgação de informações sobre as condições de vida no Brasil que tratam, entre outras situações, de salários e mercado de trabalho e da conscientização dos candidatos à migração quanto aos perigos da emigração não documentada foram apontadas como medidas que poderiam contribuir para reduzir a vulnerabilidade dos imigrantes no trajeto e permitir a tomada de decisão sobre a emigração, sabendo o que se vai encontrar no destino e não confiando somente nas falsas promessas dos coitotes.

A questão do reconhecimento de diplomas de forma a permitir aos haitianos o seguimento dos estudos no Brasil também foi colocada como prioridade para garantir condições de ascensão no mercado laboral. No entanto, os imigrantes reconhecem que a possibilidade de acesso ao ensino no país passa pelo aprendizado do português.

Ao tratar dos problemas relacionados ao processo de regularização da situação migratória no Brasil, além de ficar patente a necessidade de se agilizar esses processos, surgiu também a sugestão de que núcleos de apoio fossem criados nas regiões onde se concentra um maior número de imigrantes. Essa descentralização permitiria a agilização dos processos e a melhoria dos serviços. Outro ponto que parece relevante é a possibilidade de contar com pessoal que entenda o idioma *créole* ou o francês nos pontos de atendimento aos imigrantes.

O levantamento mostrou que, apesar de todas as medidas tomadas pelo governo, algumas louváveis como a RN n.º 97, a questão da migração dos haitianos para o Brasil ainda é um problema que necessita de uma ação coordenada e não de ações pontuais. Não se pode colocar ênfase em uma só direção, como a regularização do *status* migratório, mas é preciso se pensar em políticas que possam permitir a integração dos haitianos na sociedade brasileira, como assim fizeram vários outros imigrantes que aqui chegaram no passado.

Trata-se, sem a menor sombra de dúvida, de um processo longo e que deverá contar com a participação da sociedade civil e do governo, que agora tem pela frente a responsabilidade de dar respostas às demandas da comunidade dos haitianos e levar o país a se tornar um exemplo no respeito aos direitos humanos dos imigrantes.

REFERENCIAS

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego**. 2012.

BRASIL. **Ministério das Relações Exteriores**. 2012.

CHAVES, Elizeu. **Um olhar sobre o Haiti**: refúgio e migração como parte da história. LGE Editora. Brasília. 2008.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO – CNIg. Ata da reunião extraordinária do CNIg. Janeiro de 2012. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Acesso em 20/10/2013. <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A36A27C140137E0DAB22838B5/Ata%20Reunião%20Extraordinária%20janeiro-2012%20v2.pdf>

COSTA, Pe. Gelmino A. Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!. **Travessia – Revista do Migrante**, nº 70, São Paulo, 2012.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Travessia – Revista do Migrante**, nº 70, São Paulo, 2012.

FARIA, Andressa V. **A DIÁSPORA HAITIANA PARA O BRASIL: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, 2012.

FERNANDES, Duval; NUNAN, Carolina, O Imigrante brasileiro na Espanha: perfil e a situação de vida em Madri. **Anais do XVI Encontro da ABEP**. Caxambu. 2008. Acesso 20/11/2013. http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1160.pdf

FERNANDES, Duval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna; do CARMO, Vanessa. Migração dos haitianos para o Brasil a RN nº 97/2012: uma avaliação preliminar. **Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, vol. 8 nº 8 IMDH/ACNUR. Brasília. 2013.

FERNANDES, Jéssica. Operação Haiti: ação humanitária ou interesse político para o Brasil?. **Conjuntura internacional**. nº 22. PUC Minas. 2010

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.2, Mar./Abr. 1995.

GÓIS, Pedro et al. , “Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal”, in PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), **Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina**, Outubro 2009, nº 5, Lisboa: ACIDI, pp. 111-133

HAITIAN DIASPORA - <http://haitiandiaspora.com/> (acesso 03/10/13).

JACKSON, Regine Les espaces haitiens: remapping the geography of the haitian diáspora. In **Geographies of the Haitian diaspora Routledge**. New York. 2011.

MAANEN, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In: **Administrative Science Quarterly**, vol. 24, n. 4, December 1979.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994

PATARRA, Neide; FERNANDES, Duval Brasil: país de imigração? In **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. Migrações III Série nº 24 . 2011 – ISSN 2182-4452.

SILVA, Sidney. Brazil, a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the brazilian immigration policy. In: **Urbanities**, Vol. 3 nº 2 Novembre 2013.

WORLD BANK The Migration and remittance fact book-2011. World Banck Washington. (<http://siteresources.worldbank.org/INTPROSPECTS/Resources/334934-1199807908806/Haiti.pdf>) (acesso 15/10/13)